

# GPS



A gente se encontra aqui!

## Destaque

### Serpro ontem e hoje: mudanças no dia-a-dia dos profissionais

Evolução tecnológica e desafios da área governamental impulsionam alterações no cotidiano da empresa



## Memória

### Vida.Serpro

A carioca Gilda Maria da Graça Soares é a empregada na ativa com mais tempo de serviço prestado à empresa

## Planeta

### Oásis verde em Brasília

Casal de empregados do Serpro luta por causa ambiental no local em que moram

## Gente

### Mulheres em campo

Em várias regionais há colegas do Serpro que se exercitam jogando futebol

# DO PROCESSAMENTO DE DADOS À GESTÃO DA INFORMAÇÃO

*Diferentes gerações agregam-se e constroem conhecimento: heterogeneidade valiosa em tempos de transformação.*

Há duas maneiras clássicas de chegar ao chamado *know-how*, o “saber como fazer”. A primeira é a do enfrentamento prático, quando é preciso inventar soluções partindo quase do zero, porque não há saber consolidado. A outra é a da formação acadêmica, quando se vai à fonte teórica para apressar a aprendizagem, antes mesmo de encontrar a prática. Juntar profissionais dessas duas matrizes é uma das características mais marcantes, e valiosas, do conjunto de profissionais que faz o Serpro de hoje.

“Antigamente as pessoas entravam no Serpro sem formação em análise de sistemas, porque inexistiam cursos na área. O Serpro formou muita gente” relembra Vera Moraes, Diretora de Administração, que entrou na empresa em 1980. “Saímos de uma era de processamento de dados e entramos no mundo da gestão da informação. Uma evolução que aconteceu ao longo dos 46 anos da empresa. Hoje há pessoas que já são admitidas com mestrado e doutorado, algo que não era possível anteriormente”, constata.

O analista de sistemas Rodrigo Perozzo Noll, 34, é exemplo dessa nova situação de embarque. Convocado pela Regional Porto Alegre em novembro, Noll chega ao Serpro trazendo na bagagem graduação em escola de primeira linha, mestrado, três anos de docência em faculdades, doutorado em curso e experiência em empresas como Dell, Bunge e RBS. “Escolhi o Serpro porque é a empresa estatal que tem a atuação mais próxima àquela que eu vivi na academia e em empresas privadas. Espero encontrar aqui desafios como os de outras companhias de porte: desenvolver capacidades, ajudar a elevar a produtividade, trabalhar bem em equipe”, enumera. “Também é interessante a questão de contribuir para o país, na medida em que bons sistemas solucionam problemas, aumentam a confiabilidade. Ajudam a realizar sonhos”, resume. ▶



Rodrigo Noll, doutorando e professor universitário recém-admitido: novos profissionais já trazem bagagem acadêmica



Jorge Luiz Barnasque, desde 1972 no Serpro

### Época romântica

O recém-admitido Noll alinha-se naturalmente à identidade do Serpro quando expressa o desejo de contribuir para a melhora do país. “Talvez nem todos os brasileiros tenham a percepção exata do que representaram inovações como o Siafi, a

modernização do processo eleitoral e o nosso sistema de tratamento imposto de renda”, afirma Ronald Dreux, ex- empregado que atuou no Serpro carioca durante 40 anos. “Digo isso como cidadão, porque não participei diretamente de todos esses processos”, afirma Dreux. “Mas tive conhecimento de que esses foram foco de visita de delegações

européias, soviéticas, latino-americanas”.

”Entrei no Serpro em 1972 e lembro que naquela época existia um deslumbramento com a informática. A pessoa que 'entendia de computador' era olhada de maneira diferente pelos amigos” diz Jorge Luiz Barnasque, Diretor de Relacionamento com Clientes. “Os cursos eram ministrados pelas próprias empresas e por fornecedores, como a IBM. Éramos, em relação aos profissionais de informática atuais, como os antigos práticos de medicina em relação aos médicos” compara Barnasque. “Para mim, o retrato é o de uma época romântica”, pontua.

“Virávamos a noite para entregar a compensação do dia à Caixa Econômica Federal, então um de nossos principais clientes. Tudo que hoje temos nos caixas eletrônicos em tempo real, como o saldo de nossa conta, o extrato, e ainda o movimento de todas as agências bancárias, era anotado mecanicamente e computado entre a noite e a madrugada” relembra Barnasque. “Estamos falando de um tempo em que os carros ficavam estacionados em frente a cada regional para levar esses documentos às agências espalhadas em todos o Brasil, para que pudessem abrir com dados atualizados de manhã, fossem localizadas nos centros urbanos ou nas fronteiras do país”, rememora. “Havia muito estresse, mas também uma grande integração. A vida social em cada regional era intensa - não nos separávamos nem na hora do lazer”, descreve.

### Termos e carreiras que contam a história

Siglas sempre permearam o vocabulário das empresas, notadamente as públicas - mais ainda as envolvidas com tecnologia. E há lógica nisso: ►

facilitar o manuseio de informações utilizadas num ciclo interminável de registro, comunicação, arquivo e recuperação. De forma que depois de poucos meses de trabalho, qualquer empregado emite siglas como PGPS, RARH, APPD, SUPGP, COJUR, CETEC, ACNR ou SL com a naturalidade de quem diz “computador”.

Mas um número razoável de siglas e termos restam familiares somente por aqueles que detêm a memória da empresa. São palavras que reconstróem a história do Serpro, profundamente entrelaçada a todos os avanços da tecnologia. Da era em que os dados eram processados um a um, coletados e conferidos resta o registro de carreira como a das digitadoras e secretárias. Numerosas no Serpro até o advento da digitalização, são hoje inexistentes (digitadoras) ou raras (secretárias). Sabe, e bem, qual sua função. Mas o que dizer de atribuições, como, por exemplo, as dos ACCs?

“Os ACCs, Auxiliares de Codificação e Conferência, preparavam os lotes de documentos, como Imposto de Renda, preenchido pelos contribuintes” relata Mauro Roberto Simião, da SUPST. Lotado na Regional Curitiba, Simião é um dos empregados da ativa com mais tempo de casa. Ele lembra que, antes que as declarações chegassem à digitação, era necessário verificar se os campos mínimos haviam sido preenchidos, dividir os documentos em lotes e codificá-los para entrar em produção. “Tudo dependia de papel - a declaração, o cartão, os relatórios”. Algo difícil de explicar para quem cresceu convivendo com computadores.

Outra função que não resistiu ao tempo foi a de

“Documentação de Sistemas”. “Trabalhei nessa área no início da carreira”, conta Vera Moraes. “O analista pensava o sistema, o programador desenvolvia, e alguém precisava documentar todo esse processo. Hoje o analista mesmo faz a documentação”, destaca. “Os sistemas passaram a ser melhor desenvolvidos e têm muito mais inteligência, demandando que a própria pessoa que o utiliza tenha compreensão ampliada”, diz. “A tendência é que a área de desenvolvimento cresça ainda mais, não a ponto de dobrar de tamanho, mas há campo para a expansão”,

projeta Vera. Ela ressalta que o aumento do número de sistemas também gera demanda de produção. “As áreas de suporte e de Centro de Dados também acompanham essa evolução, porque há mais dados trafegando. Entretanto, em comparação com o passado da empresa, é uma reversão: a ênfase passou da produção para o desenvolvimento. É significativo que tenhamos, hoje, dois mil desenvolvedores em nosso quadro de cerca de 11 mil empregados”, afirma.

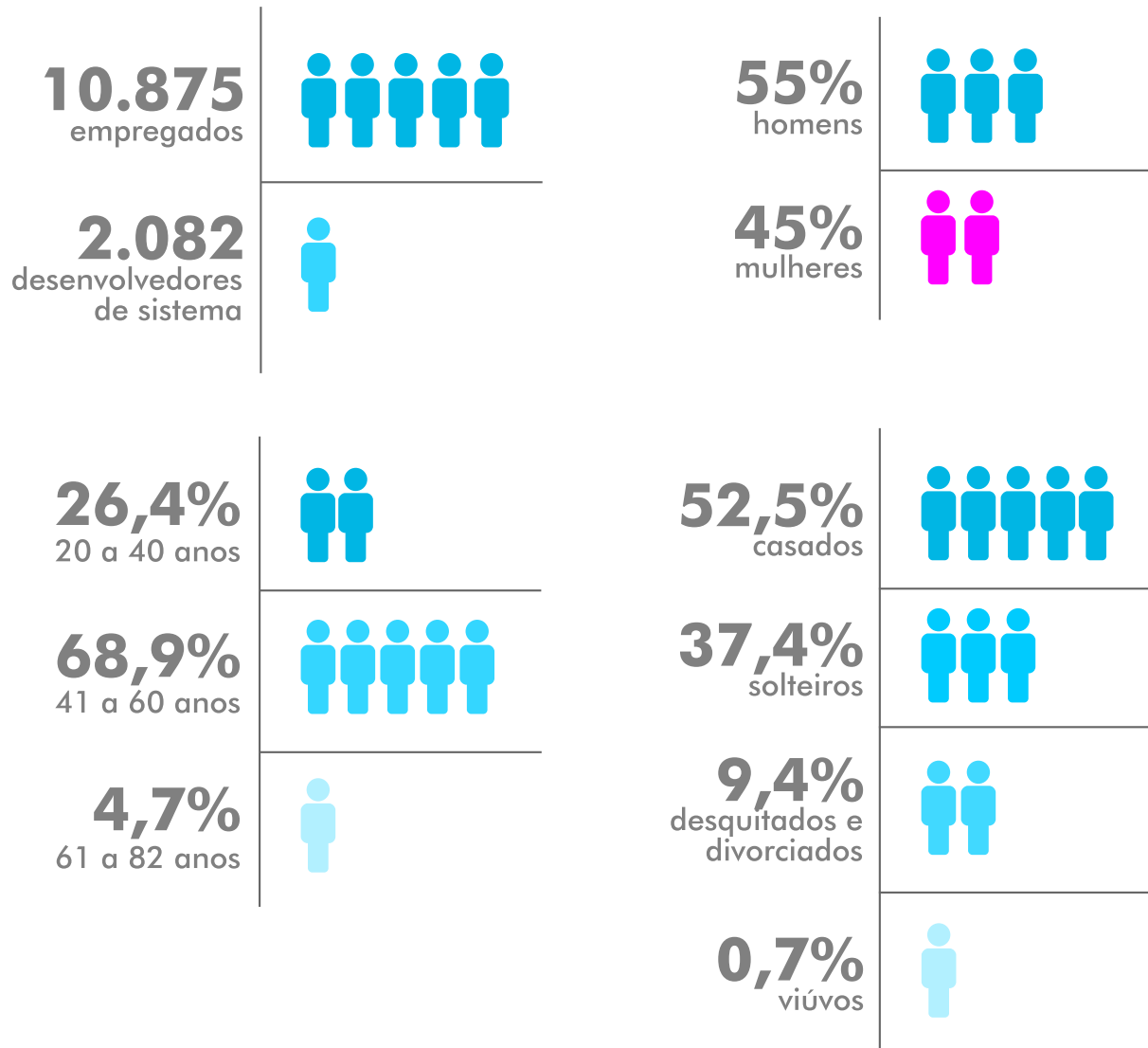


Vera Moraes vê o Serpro mais próximo das decisões estratégicas de governo

# QUANTOS E QUEM SOMOS

Os números do Serpro hoje

Dados de outubro/2010, disponíveis no fechamento desta edição



## História falada

No aniversário da Empresa, estreia a Rádio Web Serpro. Com programação voltada ao público interno, a 1ª edição do veículo conta a história do Serpro e fala de suas perspectivas futuras. Não perca! Toda quarta-feira às 10h. Acesse: <http://radio.serpro.gov.br>.

## Serpro do futuro

Datas de aniversário nos convidam à reflexão sobre o que já passou. Mas são também oportunidades de projetar o futuro - o futuro com que sonhamos, ponto inicial que pode nos comover no sentido da realização. Para Vera Moraes, as quatro próximas décadas representam a oportunidade do Serpro “participar mais ativamente da definição dos processos de informação nos órgãos de governo. O Serpro já possui suficiente conhecimento desses processos para sugerir os melhores sistemas de tratamento da informação, isso é de sua competência. Atuar não apenas como uma empresa prestadora de serviços ao governo, mas sim junto ao governo, na definição das políticas de tecnologia de informação e de comunicação.”

E você, qual o caminho que vislumbra para o Serpro nos próximos 40 anos? Envie seu ponto de vista para [gps@serpro.gov.br](mailto:gps@serpro.gov.br) e participe da construção simbólica do futuro da empresa. As respostas serão publicadas em edições posteriores do GentePontoSerpro.

## COM A BOLA TODA

*Sem fazer alarde, elas provam que campo de futebol também é lugar de mulher. O GPS não teve trabalho em identificar as boas de bola: elas estão por todo o Serpro.*

Terça à noite é dia de futebol, o namorado já sabe e a relação vai bem, obrigada. Essa é a realidade de Celita da Rosa Albanus, que está no Serpro desde 2005, época em que também se iniciou no futebol, integrando um time com outras empregadas públicas da cidade. A gaúcha calça chuteiras com a mesma naturalidade com que optou por outro nicho anteriormente reservado aos homens: a carreira de analista de sistemas.

“Lá em casa sempre brincamos de jogar”, conta ela, que tem três irmãs e outras quatro meia-irmãs, por parte de pai. Seis dentre elas aproveitam para bater uma bola com outras mulheres da casa toda vez que a família numerosa se reúne em General Câmara, cidade natal de Celita, distante 80 km da metrópole.

Na Regional Fortaleza, sua colega de profissão Amanda Saraiva Bezerra também escolheu futebol como hobby. E foi mais longe no desbravamento: integrou-se ao time masculino do Serpro. “No começo eles tinham um excesso de cuidado. Hoje me tratam como igual, e eu mesma evito as divididas que me parecem mais perigosas”, diz Amanda, acrescentando que já passou por times femininos amadores nos quais o corpo-a-corpo era muito mais violento. ▶



Celita, de Porto Alegre: futebol amigável com irmãs gremistas



Amanda, de Fortaleza: futebol é hobby

### Futebol feminino já foi proibido por lei

Em 1941, Getúlio Vargas assinou um decreto no qual se lê que “às mulheres não se permitirá a prática de desportos incompatíveis com as condições de sua natureza, devendo, para este efeito, o Conselho Nacional de Desportos (CND) baixar as necessárias instruções às entidades desportivas do país.” Em 1965, o tal CND encarregou-se rudemente da tarefa: “Não é permitida (às mulheres) a prática de lutas de qualquer natureza, futebol, futebol de salão, futebol de praia, polo, halterofilismo e beisebol”. A letra autoritária caiu por terra somente na década de oitenta. Uma ôla à democracia.



Cheila, do Rio de Janeiro:  
praticamente profissional

Do Rio de Janeiro, Cheila de Oliveira Viana relembra com carinho sua jornada de 40 anos como jogadora: “cresci com a bola no pé por influência de um tio, que eu acompanhava no futebol de várzea, em Angra dos Reis”. Lotada em Brasília durante vinte anos, a carioca jogou em vários times amadores do Distrito Federal antes de voltar ao Rio, onde trabalha pelo Serpro na Receita Federal. E confirma que as mulheres também intimidam fisicamente quando o jogo é para valer, só que com mais sutileza. “Tem sempre uma puxadinha de camiseta, discreta, para cortar o embalo da adversária que tenta arrancar na corrida”, relata Cheila.

Em Recife, Vivianne da Nóbrega Medeiros organiza partidas mais que amistosas nas confraternizações que ocorrem na Regional.”Aproveitamos um campo de futsal que há ao lado do Serpro, organizamos os times no improviso e jogamos”. Também analista de sistemas, ela cresceu com o pé na bola, jogando no colégio “só por diversão”. Com o tempo preenchido por uma segunda graduação universitária, a paraibana tenta conciliar a agenda para voltar a jogar todas as quartas à noite, no time formado por empregadas do Serpro e suas amigas. ▶



Time de Recife: presença certa  
em eventos da Regional

“No começo eles tinham um excesso de cuidado. Hoje me tratam como igual, e eu mesma evito as divididas que me parecem mais perigosas”

*Amanda Saraiva Bezerra - Fortaleza*

### Sem estresse. Com liberdade

Na Regional São Paulo, cerca de vinte mulheres separam na agenda semanal a hora sagrada para bater uma bolinha. Aproveitando a quadra da Clube dos Funcionários do Serpro (CFS), o time se reúne na hora do almoço, sempre às quintas-feiras. Maria das Graças Augusto Forte, que atua na GP, foi uma das primeiras a compor o grupo, que hoje tem até uniformes e conta com dedicados “professores”: Walter, “Claudinho” e Antônio Carlos, todos colegas do Serpro. Apesar da organização, o jogo é sempre uma diversão: “Depois daqueles 40 minutos, você volta para o trabalho energizada, sem estresse”, comenta Maria das Graças.

Mas e as contusões? Afinal, a Copa demonstrou o quanto o futebol pode ser farto em esbarrões, caneladas e quedas. Como as outras companheiras ouvidas pelo GPS, Maria das Graças resume: futebol é jogo de contato. Como toda atividade física, pode envolver algum incidente, geralmente de pouca importância. “De vez em quando aparece uma marca arroxeadada na perna e meu filho brinca: não estamos com os papéis trocados? Não era eu quem deveria estar explicando o que aconteceu no jogo?” relata Graça, divertida. ■

### Partida histórica

No Brasil, a primeira partida de futebol feminino registrada foi realizada em 1921, em São Paulo, onde se enfrentaram os times das “senhoritas” catarinenses e tremembenses.



Equipe Serpro de São Paulo: com direito a “professor”



## SEMPRE SERPRO

*Na empresa desde 67, Gilda é a mulher com mais tempo de serviço na ativa*

“Quando comecei na empresa, costumava levar a pastinha do Serpro com o logotipo bem à vista para que todos soubessem onde eu trabalhava”, lembra Gilda Maria da Graça Santos, a empregada com mais tempo de serviço no Serpro - 43 anos. “Sempre tive orgulho de trabalhar aqui”, diz Gilda, lotada na Regional Rio de Janeiro.

Atuando na área do Siscomex - Sistema Integrado de Comércio Exterior, ela declara que seu trabalho continua a desafiá-la. “Sou a única a acompanhar esse sistema desde a sua criação. Agora estou repassando meus conhecimentos a duas colegas”, afirma.

**“Por tudo isso, o Serpro foi meu primeiro e será meu último emprego”**

No início de sua carreira, Gilda ocupou dois cargos que já não existem - digitadora e ACC (Auxiliar de Contabilidade e Conferência). Encontrou tempo para graduar-se em administração e em análise de sistemas, foi secretária durante oito anos, atuou na área de treinamento por outros sete e finalmente conquistou seu lugar na área de análise de sistemas, em 87.

“Gosto do que faço. As chefias e os clientes são respeitosos, há sempre novidades no sistema, aprendo



Gilda, 43 anos de Serpro: trabalho continua desafiador

muitas coisas novas. É estimulante”, afirma. “Mesmo trabalhando, posso fazer dança, pilates, natação, curtir a família. Por tudo isso, o Serpro foi meu primeiro e será meu último emprego - não me imagino fazendo outra coisa em termos profissionais depois que sair”, declara, em um tom de voz que aponta um tempo remoto: a data de aposentadoria não foi sequer definida. ■

### Você sabia?

O homem com mais tempo de casa no Serpro é Armando de Souza, do Rio de Janeiro - sua matrícula traz o número 370 e ele completa 43 anos.

Leia aqui a entrevista que ele concedeu à Tema – edição de nº 200.

## PROPRIEDADE DO PLANETA

*No coração de Brasília, uma área rural preservada abriga um ativo movimento em prol da preservação do ambiente. Dois empregados do Serpro participam desse projeto.*

Solange Satto e Edmur Damasceno Simões têm mais tempo de casados do que de Serpro. São parceiros em tudo há mais de 30 anos e compartilham o respeito à natureza morando em uma chácara no Núcleo Rural do Córrego do Urubu. Distante 15 km do centro da cidade, o núcleo abriga cerca de 150 famílias, bem no meio de uma exuberante paisagem de matas preservadas e rica biodiversidade.

### Perigo à espreita

Localizada ao lado de regiões urbanizadas de Brasília, a microbacia do Córrego Urubu é formada por três córregos menores: Urubu, Olhos D'Água e Sagui, que desaguam no principal deles, o Urubu. “Não há tanta água como antigamente. A ocupação desenfreada nos arredores causou o assoreamento do córrego”, explica Edmur.

Para ajudar na preservação desse patrimônio do cerrado brasileiro, Edmur e sua esposa participam do movimento “Salve o Urubu”. “É primordial conscientizar a população para que o lixo não seja jogado nos rios. Também é importante a sensibilização para que se mantenha a mata ciliar, vegetação das margens dos rios” destaca Solange. ▶



Macaco Estrela, espécie abrigada no núcleo rural “Preserve o Urubu”



Solange, na área preservada: moradores monitoram qualidade da água

### Planejar e participar

O movimento começou com um grupo de amigos que há 50 anos luta pela organização de ocupação do local, projetado para ser uma reserva natural do Plano Piloto de Brasília. Tem objetivos definidos e prioriza o planejamento participativo: a valorização dos recursos hídricos, a integração da comunidade, a ocupação sustentável, a regularização fundiária e o desenvolvimento humano. Sua meta é o crescimento

urbano aliado ao baixo impacto ambiental.

Para isso, os moradores da região fazem monitoração da água do local por meio de parcerias que oferecem treinamentos e material químico para a análise. “Quando se vive próximo à natureza fica mais fácil o entendimento da necessidade de preservação. Pequenas ações fazem a diferença”, explica Solange.

### Chácara ecologicamente correta

Na chácara de Solange e Edmur tudo é o mais natural possível. A separação do lixo é cuidadosamente efetuada. Há também a separação de águas cinzas - usadas no banho e na cozinha, que retornam ao solo - das águas negras, que passam por processo de fossa ecológica. Até as galinhas são poupadas: morrem de velhice ou abatidas por saruês, espécie de gambá do cerrado.

“Aprender a cooperar com o processo de evolução do todo é entender que o homem é filho da terra”, filosofa Solange. Ela e o marido veem com bons olhos as iniciativas de Responsabilidade Social que o Serpro empreende. “São ações que fortalecem o espírito de cidadania, o que gera resultados positivos, inclusive nas relações interpessoais no ambiente de trabalho” pontua Solange. “Se cada pessoa fizer a sua parte no seu pedaço de mundo, independente de ações de empresas ou governo, já será um grande passo para a conservação da biodiversidade. Isso se transforma em um conjunto de atitudes que, globalmente, geram impacto”. ■

### Divisor de águas brasileiro

No Distrito Federal, estão presentes três importantes bacias hidrográficas: São Francisco (Rio Preto), Tocantins/Araguaia (Rio Maranhão) e Paraná (rios São Bartolomeu e Descoberto). Conservar córregos como o do Urubu é também preservar a hidrografia brasileira. Acesse: <http://salve-o-urubu.blogspot.com/>